

# SOFRIMENTO PSÍQUICO DE ESTUDANTES DE ENSINO MÉDIO E SUA RELAÇÃO COM O DESEMPENHO ESCOLAR SOB O OLHAR DOS PROFESSORES

Rosilei dos Santos Rodrigues Kepler<sup>1</sup>

Arnaldo Nogaro<sup>2</sup>

## Resumo

O artigo em pauta resulta de pesquisa de campo realizada na modalidade de grupo focal, com professores que atuam em uma escola pública de ensino médio no Oeste do Estado de Santa Catarina. O objetivo foi investigar como os professores identificam a presença de angústia existencial e preocupações com o sofrimento humano de estudantes de ensino médio e como estes sentimentos aparecem enquanto geradores de sofrimento psíquico que repercute em risco à saúde mental, comprometendo seu desempenho escolar. A metodologia de coleta dos dados envolveu atividades em 5 encontros, com 10 professoras que atuam no ensino médio, com duração aproximada de 60 minutos cada encontro. A participação ocorreu por adesão voluntária. A investigação realizada possui caráter exploratório e natureza qualitativa. A análise dos dados segue a perspectiva da Análise Textual Discursiva. A orientação teórico-metodológica é a hermenêutica. A adolescência é um período complexo da vida que coincide com a escolaridade do ensino médio. Nela, afloram sentimentos de diferentes naturezas com os quais os estudantes nem sempre sabem lidar, demandando que os adultos que estejam próximos compreendam e os auxiliem na travessia deste mar revolto. Nesta fase, também emerge o sofrimento psíquico e crises existenciais manifestos em atitudes concretas na escola, com as quais os educadores nem sempre se sentem preparados para lidar. Ter conhecimento e sensibilidade para identificar e intervir no momento adequado podem ser mecanismos importantes para que os estudantes se sintam acolhidos, desejem aprender e melhorem seu desempenho na aprendizagem.

**Palavras-chave:** Sofrimento Psíquico; Angústia existencial; Ensino Médio.

## PSYCHIC SUFFERING OF HIGH SCHOOL STUDENTS AND ITS RELATION WITH SCHOOL PERFORMANCE FROM THE TEACHERS' VIEW

**Abstract:** This paper presents the results of a field research carried out through a focus group, with teachers who work in a public high school in the west region of the state of Santa Catarina, Brazil. The objective was to investigate how teachers identify the presence of existential anguish and concerns on suffering by high school students and how these feelings cause psychic distress that may put mental health at risk, and harm the performance of the students school. The methodology of data collection took place in five meetings, of approximately 60 minutes each, with ten teachers who work in a high school. The participation in the research

---

<sup>1</sup> Centro Universitário FAI-Uceff.

<sup>2</sup> Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI.

was voluntary. This investigation has an exploratory perspective and a qualitative nature. The data analysis followed Discursive Textual Analysis. The theory and methodologies used were based on hermeneutics. Adolescence is a complex age in life that coincides with high school. In this time, feelings of different nature come out, which students don't always know how to deal with. That is why it demands that closer adults understand and help them to cross this raging sea. Also, in this age it is common that psychic suffering and existential crisis are expressed through attitudes in the school, which teachers do not always feel prepared to deal with. Knowing to identify, how to intervene and being sensitive enough to act in the right moment may be an important mechanism for the students to feel sheltered, stay motivated to learn and improve their school performance.

**Keywords:** Psychic Suffering. Existential Anguish. High School.

## Introdução

Segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), e da Organização Pan- Americana da Saúde (OPAS, 2018), as condições de saúde mental são responsáveis por 16% da carga global de doenças e lesões em pessoas com idade entre 10 e 19 anos, sendo que a maioria dos casos não são detectados nem tratados. O suicídio é a terceira principal causa de morte entre adolescentes de 15 a 19 anos. O uso de álcool e drogas ilícitas entre os adolescentes é um problema grave em muitos países e pode levar a comportamentos autodestrutivos e ao baixo rendimento escolar. Levando em conta estes dados, pensou-se no propósito de pesquisar o sofrimento mental de jovens e adolescentes em escolas em decorrência do reconhecimento da importância dos temas existenciais, aprofundando a reflexão acerca da angústia existencial entre estudantes do ensino médio.

Os transtornos mentais estão ligados a pelo menos a 90% dos casos de suicídio, especialmente depressão e transtorno bipolar, esquizofrenia, abuso de álcool e dependência de álcool e drogas, entre outros transtornos. As alterações que ocorrem na adolescência podem ser fatores que podem funcionar como um gatilho para o desenvolvimento de depressão e ansiedade nos adolescentes. (CAMARGO; MAGALHÃES, 2020).

Os transtornos mentais mais comuns na população surgem, geralmente, na juventude. Segundo Camargo e Magalhães (2020), um estudo conduzido em sete países apontou que os problemas de ansiedade começam, em média, aos 15 anos. A transição da adolescência para a vida adulta é um momento propício para que as vulnerabilidades emocionais apareçam. Nesta fase, os jovens se sentem cobrados a tomar uma série de decisões, como por exemplo: que profissão irão seguir, onde vão

trabalhar, como vão pagar suas contas etc. Neste momento, o estresse surge de forma mais intensa na vida das pessoas e favorece ao descortinamento das fragilidades que elas já tinham. A adolescência é o período da vida que a maioria dos indivíduos começa a sair do círculo de proteção dos pais e passa a ser cobrada pelo seu próprio desempenho e suas responsabilidades.

A sociedade cria regras, leis, costumes e tradições, padrões de comportamentos sociais que fazem parte de sua cultura e que visam incluir todos os membros, inclusive os adolescentes. Isso acarreta novas emoções, percepções e reflexões. Na adolescência, a angústia pode ser decorrente de fatores diversos: mudanças no corpo, sobrecarga de acontecimentos negativos, desejo de conquistar sua independência, conflitos nos relacionamentos, dificuldades em escolher a profissão e a necessidade de se sentir aceito no meio social etc.

Neste momento, o indivíduo está particularmente vulnerável, não só pelos efeitos decorrentes das transformações biológicas ocorridas em seu corpo; mas também pelas mudanças ocorridas no mundo moderno; o impacto do progresso científico; das tecnologias da informação e comunicação; das novas aspirações humanas e da rápida transformação social. Além de transformações mentais e fisiológicas, é uma fase de muitas perdas. Este período de definição, entre a fase infantil e fase adulta, pode trazer conflitos psicológicos, como a perda da proteção dos pais e a necessidade de desenvolver independência, além da formação da identidade própria, social e profissional.

Ao abordar o sofrimento psíquico de estudantes do ensino médio e refletir acerca dos sentimentos e emoções que possam perturbar os jovens e adolescentes, e que prejudicam seu rendimento escolar, pretende-se, também, aprofundar o entendimento de sofrimento psíquico presente na vida do ser humano. Para isso, são apresentadas evidências de como os estudantes de Ensino Médio lidam com suas angústias existenciais a partir dos relatos das professoras, obtidos no grupo focal, cuja metodologia é explicitada na sequência.

### **Metodologia<sup>3</sup>**

---

<sup>3</sup> O projeto de pesquisa tramitou e foi aprovado no Comitê de Ética sob o número do C.A.A.E 79248517.1.0000.5352.

A pesquisa realizada é de campo com enfoque qualitativo. Este reconhece o caráter subjetivo do objeto analisado, estudando suas particularidades e expressões individuais. Nesse sentido, os fenômenos são interpretados e os participantes ficam livres para expressar seus pontos de vista sobre o assunto. De acordo com Vieira (2019), a pesquisa qualitativa é importante para compreender a dinamicidade, com abertura e profundidade, porque este enfoque está atento aos detalhes e prioriza os aspectos subjetivos do problema.

A coleta de dados foi o grupo focal. Envolveu 10 professoras que trabalham com estudantes do ensino médio de uma escola pública de um município do Oeste do estado de Santa Catarina. A escola oferece ensino fundamental e ensino médio, e seu funcionamento se dá nos três turnos diários, matutino, vespertino e noturno, contando com um número aproximado de 1.200 alunos e 50 professores. Os participantes da pesquisa são docentes que atuam como formadores (professores e orientadores pedagógicos). A amostra é formada por indivíduos que atuam na escola *lócus* da pesquisa e que concordaram em participar do grupo focal por adesão não probabilística voluntária.

A escolha da instituição justifica-se por possibilitar um ambiente necessário e condizente com as intenções da pesquisa. A escolha do espaço é relevante para a pesquisa, pois é nele que os fatos acontecem e as relações se concretizam. O “[...] espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e, também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá.” (SANTOS, 2006, p. 39). O espaço, mesmo que solidário ou contraditório, contribuirá para a construção da decorrente pesquisa e foi decisivo para satisfazer as intenções e concepções pretendidas pela investigação.

Dentre as 10 participantes da pesquisa, 100% (cem por cento) são mulheres, 29% (vinte e nove por cento) possui somente graduação, 70% (setenta por cento) possui pós-graduação Lato Sensu e 1% (um por cento) pós-graduação Stricto Sensu (mestrado). Dentre elas, suas graduações iniciais estão distribuídas nos cursos de Pedagogia, Letras, História, Geografia e Matemática. O tempo de atuação no magistério varia de cinco a vinte anos de profissão.

A pesquisa ocorreu em 5 encontros, realizados uma vez por semana, com duração aproximada de 60 minutos, com um total de 10 participantes. O tema norteador para o início das atividades foi a existência humana. Como leitura preparatória, foi disponibilizado o texto: “Morte no processo do desenvolvimento humano, a criança e o adolescente diante da morte” da autora Maria Julia Kovács. O encontro iniciou com um vídeo sobre “finitude humana” (duração de 5 minutos e 35 segundos)<sup>4</sup>, proporcionando interação sobre o assunto e a discussão. Em cada encontro, houve indicação de leituras prévias e orientações de como proceder no próximo.

O enfoque teórico seguiu a corrente filosófica hermenêutica. Esta é vista como uma teoria ou filosofia orientada pela interpretação, capaz de desvelar o fenômeno de estudo para além de sua aparência ou superficialidade. Na ótica de Moraes e Galiazzi (2016, p. 57-58), interpretar é um exercício de construir e de expressar “[...] uma compreensão mais aprofundada, indo além da expressão de construções obtidas a partir dos textos e de um exercício meramente descritivo. Uma pesquisa de qualidade necessita atingir essa profundidade maior de interpretação.”

O grupo focal é um método de pesquisa qualitativa que reúne participantes para uma discussão, na qual os indivíduos expõem sobre o tema pesquisado. A técnica de grupo focal é utilizada na pesquisa há bastante tempo, remetendo sua origem aos anos de 1920. No campo da educação, é um processo em construção no período mais recente. Para Gomes (2005, p. 41), o grupo focal é constituído por um conjunto de pessoas “[...] selecionadas e reunidas por pesquisadores para discutir e comentar um tema, que é objeto da pesquisa, a partir de suas experiências pessoais.” No entendimento de Schvingel, Giongo e Munhoz (2017, p. 99), o grupo “[...] focal não é uma técnica em que se alternam perguntas do investigador e respostas dos participantes, mas são lançadas algumas questões sobre um tema e o objeto da pesquisa para o grupo de participantes, levando, a partir disso, à discussão.” A sensibilidade e a compreensão do pesquisador e de seu papel são fundamentais para que ele saiba respeitar o princípio da não diretividade e consiga mediar a comunicação sem ingerências indevidas da parte dele, direcionando posicionamentos negativos ou positivos, externando posições particulares.

---

<sup>4</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7f25udmvr0l>> Acesso em: 06 ago. 2022.

Ao longo do texto, explora-se depoimentos mais contundentes ou significativos das docentes, e procura-se levantar questões sobre seu trabalho e suas experiências com os temas relacionados ao sofrimento psíquico dos alunos do ensino médio, apresentando condições, possibilidades e dificuldades enfrentadas no cotidiano escolar. Para organização dos depoimentos, estruturou-se duas categorias básicas: sofrimento psíquico de alunos do ensino médio, e sofrimento emocional aliado ao rendimento escolar.

### **Sofrimento psíquico de alunos do ensino médio**

A adolescência, por ser uma fase de transformações do próprio corpo, carrega consigo o aparecimento de muitas dúvidas, as quais podem ser responsáveis pelo sofrimento psíquico dos adolescentes. O fato de o adolescente não se sentir confortável consigo mesmo, não se sentir apoiado pela família e não ter acesso a oportunidades existentes na sociedade, pode gerar grande insegurança. Nesse momento, a força dos vínculos estabelecidos com pessoas importantes em sua vida tem grande significado e influência, assim como pode ajudar os adolescentes e jovens a não desabarem, ajudá-los em suas angústias e frustrações.

As perdas/transformações simbólicas relacionadas à “transição”, própria deste momento, necessitam ser elaboradas. Estas despertam nos jovens sentimentos característicos de um processo de luto que, muitas vezes, pode ser manifestado na forma de sintomas depressivos. Diante das suas angústias existenciais, desejam aprofundar e conhecer mais sobre o que estão sentindo, dialogar no ambiente escolar, já que grande parte deles frequenta a escola e, por vezes, lá existem manifestações desta condição.

A adolescência é uma fase de constantes frustrações, e isso pode gerar conflitos internos e apresentar dificuldades para elaboração de perdas e aceitação desse novo mundo que está por vir. Nesta fase, acontece uma perene busca de aceitação e aprovação, gerando incerteza a respeito de como os adolescentes lidam com essas angústias.

Atentas a esta condição, e desejosas de compreender como ocorrem estes fenômenos, educadoras foram convidadas para que externassem diferentes posicionamentos e ideias a partir das provocações da pesquisa. As educadoras relatam que, com frequência, identificam casos de sofrimento psíquico dos alunos.

Procuram fazer o possível para ajudar, e muitas vezes encaminham para os orientadores pedagógicos, porque devido ao compromisso com as disciplinas e com o conteúdo, não têm tempo para conversar com eles.

No entendimento das professoras, a escola não é vista apenas como um local de trabalho, é um local onde se criam vínculos, e onde são expressas as mais variadas formas de sentimentos presentes nos seres humanos. Na compreensão de Han (2020, p. 60), o sentimento não é idêntico à emoção. Tem uma temporalidade diferente da emoção pois ele permite uma duração. “O sentimento permite uma narração: tem uma duração ou uma profundidade narrativa.” O autor ainda ressalta que o sentimento é constatativo, razão pela qual as docentes conseguem percebê-los nos estudantes. Damásio (2011, p. 142) explicita bem esta questão quando diz que os sentimentos são as percepções compostas daquilo que ocorre em nosso corpo e em nossa mente quando uma emoção está em curso. Em outras palavras, “[...] são imagens de ações, e não ações propriamente ditas; o mundo dos sentimentos é feito de percepções executadas em mapas cerebrais.”

O sofrimento psíquico dos alunos é identificado de várias formas. O relato abaixo, da PB<sup>5</sup>, que convive diariamente com essas questões no cotidiano escolar, é ilustrativo:

Dentro da escola percebe-se o sofrimento emocional de alguns alunos. Tem um menino que está sempre encolhido com o cabelo todo no rosto, deixa só com um burquinho para enxergar. Inverno e verão ele está sempre coberto. Esse menino me causa uma inquietação, está visível que tem problemas. Era um menino querido, feliz, espontâneo, depois da pandemia voltou assim. Já chamamos o pai para conversar sobre isso. Tentamos conversar com ele, mas não dá abertura, não quer conversa, foge da gente. Já encontrei ele agachado encolhido em um canto da escola todo curvado com todos os cabelos no rosto. Não mexi com ele porque sei que não quer que a gente chegue perto. Ele não vem comer na hora do lanche porque não quer que a gente veja o rosto dele. (2022, [s.p.]).

É sabido que relacionar-se com um indivíduo em sofrimento mental não é uma tarefa fácil, por isso a importância de observar, saber até onde se pode chegar, conhecer seus próprios limites e os da pessoa. A insegurança por não saber como proceder é um acontecimento muito concreto e pode ser observado na manifestação da PE:

---

<sup>5</sup> Para preservar a identidade dos participantes identificamos os mesmos por letras do alfabeto A, B, C, D, E ... Ex. Professor A= PA, Professor B= PB e assim sucessivamente.

Como professora vejo e identifico que muitos alunos não estão bem emocionalmente, mas não sei como proceder, por isso encaminho para o atendimento pedagógico da escola. Tem muitos alunos encaminhados para o atendimento psicológico no posto de saúde, mas nem todos conseguem atendimento. O setor pedagógico da escola sempre faz as orientações e os encaminhamentos necessários. (2022, [s.p.]).

De acordo com Camargo e Magalhães (2020), a melhor forma de apoio pode ser estar perto e cuidar para que a pessoa vá para um psicólogo ou psiquiatra. Se for necessário o uso de medicações, verificar se está tomando os remédios indicados, ficar atento à alimentação e ao sono. Esses cuidados podem ajudar as pessoas a saírem do tormento emocional. Na perspectiva de D'Assumpção (2011), o sofrimento emocional é uma característica do ser humano. O autor compara o ser humano com outros animais que não experimentam este tipo de sofrimento da mesma forma, porque não têm preocupações ou ansiedades. Para D'Assumpção, a natureza do estresse de outros animais é diferente da apresentada pelo ser humano, já que o sofrimento humano tem um ciclo e pode ser apresentado por depressão, apego, ansiedade e raiva. O relato da PA explicita como estes comportamentos listados pelo autor fazem parte da vida diária da escola, pondo em xeque nossa capacidade de enfrentamento de tais situações.

Teve um episódio dentro da escola em que um aluno tentou suicídio. Tentou se enforcar na sala de aula com o cordão da blusa. Na época, os pais estavam passando por um divórcio. A escola não tinha conhecimento que o menino era depressivo e ele era novo na escola. Uma situação que abalou todos. A professora percebeu quando ele estava roxo, correu e puxou a corda e afrouxou, daí ele deu uma reagida. Nós nos apavoramos, chamamos a mãe e o pai, orientamos eles. Depois ficamos sabendo que levaram o filho ao psiquiatra e ao psicólogo e teve o diagnóstico de depressão. (2022, [s.p.]).

Camargo e Magalhães (2020) postulam que o elemento psicológico relacionado à depressão é basicamente o preparo emocional que os indivíduos têm para lidar com os fatores ambientais, ou seja, a forma como reagem diante de situações estressoras, como frustrações, momentos tristes, situações que envolvem a tomada de decisões, como por exemplo: assumir responsabilidades, expor-se a riscos, encarar ambientes, tarefas e pessoas desconhecidas.

O espaço da escola é um ambiente social no qual as pessoas influenciam e são influenciadas pelo que ocorre no seu entorno. Um episódio como o relatado pela PA pode deixar os demais estudantes atônitos ou angustiados, como confessa a PC. “Os colegas ficaram todos apavorados com este acontecimento, mas ainda não temos

certeza se foi intencional, porque quando ele voltou a ter consciência ele perguntou o que aconteceu.” (2022, [s.p.]). Não se trata de fatos que se possa subestimar, uma vez que interferem em diferentes aspectos da subjetividade dos estudantes como aprendizagem, convívio, trabalho, vida doméstica.

Quando perguntada se após este acontecimento foi feita alguma intervenção para trabalhar os temas relacionados a angústia existencial e ao sofrimento psíquico dos alunos, ou de que forma este fato foi abordado com eles, a PA respondeu:

Trabalhamos com os alunos da turma que foi uma brincadeira de mau gosto sem pensar nas consequências, que quase aconteceu um suicídio. Para abordar com os alunos este trabalho tentamos abordar pelo lado das brincadeiras de mau gosto e inconsequente. Este caso foi bem forte, a professora se apavorou muito que ficou sem cor, quando vimos ela, estava pálida, por presenciar a cena. Foi um caso bastante traumatizante para os alunos, professores e equipe pedagógica. A professora relata que, ao lembrar disso, ainda fica agoniada; é algo muito apavorante. Uma situação muito difícil para todos da escola. (2022, [s.p.]).

Sob o ponto de vista de Santos e Incontri (2010), na educação, em qualquer idade, não se pode deixar de lado as emoções. As emoções são constituintes de nossa existência como humanos. No entender de Damásio (2011),

[...] são programas de ações complexos e em grande medida automatizados, engendrados pela evolução. [...] O mundo das emoções é sobretudo feito de ações executadas no nosso corpo, desde expressões faciais e posturas até mudanças nas vísceras e meio interno.” (DAMÁSIO, 2011, p. 140, grifo do autor).

Para trabalhar este tema com crianças e adolescentes, podem ser usadas todas as artes, literatura, música, pintura, cinema, teatro etc. Destaca-se que a conversa franca e os conceitos claros não podem ser excluídos, mas antes é necessário passar pelas canções e histórias. Para estratégias de emprego da arte, é necessário pensar em obras adequadas, sensíveis e delicadas para contribuir com um significado. Na adolescência, deve-se escolher padrões estéticos mais complexos e aplicar a discussão racional e o debate plural de ideias.

Santos e Incontri (2010) defendem a ideia de que

[...] a educação para morte nas escolas de ensino fundamental e médio, deve necessariamente passar por projetos interdisciplinares, que trabalhem o pluralismo das visões, (inclusive das diferentes religiões) e o espírito filosófico que permita o questionamento. (SANTOS E INCONTRI, 2010 p. 24).

Segundo os autores, para discutir a morte com os alunos, o professor precisa ser capaz de usar uma linguagem clara, de maneira fácil e natural, especialmente na presença de jovens. Como se trata de um tema sensível e complexo, a abordagem precisa ser cuidadosa, especialmente quando, no ambiente escolar, já existirem situações vividas por estudantes, como refere a PD: “Também temos outros casos, teve um aluno que tentou suicídio por 4 vezes, mas foi fora da escola.” (2022, [s.p.]). Mesmo que as tentativas tenham ocorrido fora do espaço escolar, não há como dissociar ou ignorá-las, uma vez que o problema não se resolve por um passe de mágica ou só pelo fato do estudante mudar de ambiente. Há necessidade de identificar as causas para intervir.

Para Camus (1941), o suicídio é o verdadeiro problema filosófico, pois coloca o homem diante de si, de suas fragilidades, da insustentabilidade do existir. Quando alguém opta por suicidar-se, o drama vivido é mais forte que o desejo de viver, significando que não há mais sentido em continuar uma vida, que no seu entendimento, sofre revezes e a deixa miserável. A clausura existencial em que se encontra o suicida o impede de ver outros horizontes, qualquer outra possibilidade. É por isso que a decisão sempre está carregada de um drama que se desenha ao longo da vida da pessoa e para o qual não vislumbra alternativas.

Identificamos que estes casos de tentativa de suicídios deixaram as professoras bastante preocupadas com o sofrimento dos alunos. Através dos relatos, constatamos que, após estes episódios, alguns professores da instituição buscaram conhecimento e informações através de leitura sobre sofrimento psíquico do ser humano como forma de encontrar respostas ou sentirem-se fortalecidos para responder adequadamente à situação.

Quando perguntada como a escola aborda a questão da homossexualidade, e se os alunos sofrem bullying por outros colegas, PA explica: “Este tabu referente a questão sexual dos jovens está na cabeça dos pais. Porque a escola lida bem com está questão que nunca tiveram problemas de bullying ou rejeição ou conflito entre os alunos dentro da escola.” (2022, [s.p.]).

Na sociedade em que vivemos, a vida se transformou num sobreviver, nas palavras de Han (2017), fazendo com que a vida enquanto sobreviver acabe levando à histeria da saúde. Mesmo a pessoa sadia irradia paradoxalmente um quê de mórbido, algo sem-vida. Com a pandemia do Covid-19, o quadro se agravou em

decorrência do isolamento e do confinamento forçado, trazendo consequências que talvez ainda tenhamos dificuldade de medir, como a PE fala.

Durante a pandemia teve um aluno que se isolou, acredito que sua depressão evoluiu acredito que a questão da sexualidade foi o que desencadeou ao quadro depressivo, ele não falava, mas a mãe do menino falava, que essa angústia dele era por não saber se era menino ou menina, esta dúvida o perturbava. (2022, [s.p.]).

O isolamento da Pandemia levou muitas pessoas a enfrentarem seus “dramas” interiores, pois a vida reclusa criou o ambiente para as pessoas passarem mais tempo a sós, na inatividade, fazendo com que a reflexão sobre a vida e seus valores viessem à tona. Estar no ambiente doméstico, longe dos parceiros, e não poder manifestar sua orientação sexual, ou dialogar com familiares sobre isso, pode tornar-se um drama para um adolescente. Não ir para a escola contribuiu para aumentar o sofrimento, especialmente quando lá há aceitação e acolhimento, como a PH declara. “Na escola nunca presenciei falta de respeito de um aluno com o outro pela questão do homossexualismo. A escola tem uma abertura sobre a igualdade, sobre o respeito com o ser humano e sobre a aceitação das diferenças.” (2022, [s.p.]).

### **Sofrimento emocional e rendimento escolar**

As professoras percebem que na adolescência é a fase que mais intensifica o sofrimento emocional, surgindo depressão e ansiedades, que incidem em baixo rendimento e reprovação. Muitos alunos que reprovam desistem dos estudos. Talvez, enquanto educadores, não se tenha a sensibilidade suficiente para entender como as relações amorosas na adolescência são importantes e significativas para eles. A dor da perda precisa ser avaliada, bem como seu impacto, especialmente quando há o peso de estigmas sociais.

Às vezes os alunos até podem não ter aceitação sobre sua opção sexual, mas não relatam isso, nem demonstraram. Já houve casos de ter casal de namorados homossexuais dentro da escola e todos respeitavam. Caso de rompimento desse vínculo e o aluno demonstrou muita tristeza e chorava muito, mas não por aceitação da sua sexualidade, era pela dor da perda do namorado. (PG, 2022, [s.p.]).

Os professores acham que o enfrentamento das angústias dos adolescentes quase sempre é solitário. Eles têm que enfrentar sozinhos porque a família não sabe

lidar com isso e os professores, muitas vezes, não conseguem ajudar. Ressaltam também que o rendimento escolar do aluno diminui quando eles começam a trabalhar. Muitos trabalham porque precisam, outros porque querem ganhar seu dinheiro. As professoras enfatizam que o primeiro ano do ensino médio é tumultuado, já no terceiro ano, eles ficam apáticos, pouco se importando com o estudo; só querem terminar logo ano letivo, exceto os alunos que pretendem ter uma formação para entrar na universidade, daí têm um comportamento diferente, demonstrando mais interesse pelos estudos. A PJ é precisa em sua explanação.

Nota-se que, na adolescência, muitos alunos perdem o interesse pelos estudos. Na nossa escola temos alunos que começam a trabalhar, daí faltam às aulas, e se não vamos atrás, desistem. Temos alunos que são de famílias carentes, os pais têm um poder aquisitivo bastante baixo, esses geralmente são os que mais apresentam índice de desistência dos estudos. Nós procuramos ir atrás dos alunos, tentar trazer de volta para escola. Procuramos ter um olhar acolhedor para saber o que está acontecendo, e qual o motivo porque não estão vindo para a escola. (2022, [s.p.]).

As questões existenciais que assolam os adolescentes são potencializadas quando não possuem o amparo familiar ou não conseguem dialogar em espaços como a escola. Eles carecem de alguém que os escute e nem sempre encontram. Os problemas vão se acumulando e vão deixando de lado aquilo que faz menos sentido para eles, que no caso é a escola, pois seus dilemas pessoais são mais urgentes, gerando abandono dos estudos ou pouco empenho, como a PI expressa. “Percebemos que na fase da adolescência os alunos vão apresentando muitos problemas, dificuldade de concentração, o desempenho escolar começa a diminuir. Temos bastante índice reprovação e desistência no ensino médio.” (2022, [s.p.]).

No entendimento de campos (2012), as pessoas que convivem com adolescentes podem observar suas experiências emocionais que constituem um acompanhamento de extrema importância em seu desenvolvimento. As atitudes dos adolescentes tendem a flutuar entre o otimismo, cooperação entusiástica, retraimento e depressão pessimista. Durante o período da adolescência, a compreensão destas mudanças por parte dos pais e professores se torna necessária com relação ao desenvolvimento emocional. Em situações caóticas e de incerteza, como as vividas em períodos recentes, perdemos o que denominamos “qualidade de vida”, que no entender de Morin (2021), implica qualidade das relações com o próximo e a poesia

dos envolvimento afetivos e afetuosos. Como consequência, o nível de vida é deteriorado, como é sentido na leitura feita pela PG do ambiente escolar.

Depois da pandemia, percebemos que muitos alunos mudaram seu comportamento. Estão estranhos, chamamos para conversar, encaminhamos para o atendimento pedagógico e os pais são chamados. Os pais, muitas vezes, não dão importância, acham que é “frescura” e logo vai passar. Nós, enquanto escola, orientamos os alunos a falarem sobre seus sentimentos, contar o que está acontecendo e o que causa tristeza. Orientamos os pais a observar o comportamento em casa, sobre a importância do bom relacionamento familiar e de ouvir os filhos. (PG, 2022, [s.p.]).

Os recursos psicológicos de uma pessoa são desenvolvidos no ambiente onde ela vive, e depende da sua personalidade. Há pessoas que gostam de experimentar novidades, expor-se a riscos e tomar os problemas como desafios, enquanto que outras são retraídas ou ansiosas e apresentam mais dificuldades de tomar decisões ou lidar com mudanças. (CAMARGO; MAGALHÃES, 2020). Para os autores, a ansiedade e a emoção fazem parte da vida dos seres humanos, mas é preciso diferenciar a ansiedade positiva de outros momentos. Este sentimento é considerado positivo quando ocorre de forma moderada e atrelada a níveis reais, quando antecipa os riscos e estimula a precaução e eficiência. Por exemplo, um frio na barriga quando vai iniciar um emprego novo. Por sua vez, a ansiedade negativa é aquela sentida em níveis exagerados, em ocasiões em que não há motivos para ser sentida, causando sofrimento e atrapalhando a vida, em vez de ajudar. Há situações bem típicas em que se pode observar a ansiedade negativa, como no caso dos comportamentos de usuários de drogas. A escola é um bom laboratório para esta observação como evidencia a PA.

Temos alunos que são usuários de drogas, percebemos a alteração de comportamento e chamamos os pais. Os pais muitas vezes negam, não querem acreditar que o filho esteja fazendo isso, outros ignoram ou fingem que nada está acontecendo. Acham que a mudança de comportamento do filho é culpa da escola que não o está compreendendo e julgando-o. (2022, [s.p.]).

Para Paiva (2008), a escola é a instituição que está mais próxima da família, para que possa ocorrer uma parceria entre elas. Ela pode abrir espaços para dar acesso a informações sobre temas existenciais, orientar a família como conduzir essas questões com crianças e adolescentes. Uma das formas de preparar-se para

isso é oferecer programas de capacitação para professores e técnicos administrativos sobre temáticas que dizem respeito aos adolescentes. A postura adotada pela família e pelo estudante são importantes para que seja encontrada uma solução que pode ser definitiva ou paliativa. Alguns adotam medidas paliativas como trocar de escola, como se o problema que é do sujeito se resolvesse pela troca de ambiente. O que vai ocorrer, é que o problema só troca de lugar, como alerta a PJ.

Muitos pais até trocam de escola quando os professores chamam para alertar sobre algo. Sabemos que lidar com os alunos usuários de drogas é difícil até para nós professores. Nós investigamos certos comportamentos e tentamos sempre fazer a intervenção, mas não podemos fazer muita coisa sem o apoio dos pais. (2022, [s.p.]).

Segundo Campos (2012), muitos pais se angustiam e atemorizam diante de certos comportamentos de seus filhos até o ponto de perder o controle de determinadas situações, o que pode intensificar a angústia familiar. As situações problemáticas entre pais e filhos pode originar situações conflituosas e complexas. Para a autora, a família é a primeira expressão da sociedade, que determina grande parte da conduta do adolescente.

Quando uma pessoa tem um problema ou uma doença grave, a família acaba se desgastando, mas isso não só acontece em casos de uma doença física, mas também com doenças mentais e da alma. Depressão, alcoolismo, e dependência química são todos problemas psiquiátricos que provocam rupturas e obrigam os familiares a aprender novos jeitos de compreender a pessoa adoecida e se relacionar com ela. (CAMARGO; MAGALHÃES, 2020).

Segundo pesquisas recentes de Camargo e Magalhães (2020), o uso de drogas, incluindo o álcool, é um dos principais problemas de saúde pública. O hábito de usar drogas é considerado um transtorno mental. Estas substâncias atuam no cérebro, provocando alterações na consciência, no humor e no comportamento, e podem comprometer a saúde, a vida e os relacionamentos. O excerto da fala da PB é um exemplo concreto de como isso pode ocorrer.

Na escola temos problemas de indisciplina entre os adolescentes, também temos alguns casos de gravidez na adolescência. Não são muitos, mas temos mais ou menos um por ano. O que percebo como um dos problemas dos adolescentes é que falta diálogo com os pais. Eles não escutam seus filhos. Muitas vezes, quando chamamos os pais para conversar sobre os alunos, eles chegam aqui bravos com os filhos por terem que ir à escola. (2022, [s.p.]).

Estudos já realizados indicam que as pessoas que vivem em situações precárias, com dificuldades socioeconômicas, em áreas com serviços inadequados de saneamento, transporte e saúde são mais expostas a traumas relacionados à violência dentro e fora de casa, por isso estão mais propensas a desenvolver transtornos mentais. (CAMARGO; MAGALHÃES, 2020). As populações que vivem em situações de maior vulnerabilidade social também estão mais propícias a desenvolver dependência de álcool e drogas.

O processo do desenvolvimento do adolescente não depende somente do indivíduo isolado, está situado também no mundo social. A estrutura familiar determina grande parte da conduta do adolescente. A família bem estruturada contribuiu para um indício de normalidade na adolescência. (CAMPOS, 2012). Segundo o mesmo autor, as pesquisas indicam que as emoções podem se tornar forças destrutivas e desintegradoras da personalidade quando são muito fortes, ocorrem com muita frequência e quando são duradouras ou reprimidas, porque descontrolam o comportamento do sujeito. Portanto, para tornar as emoções individuais forças positivas, é necessário guiá-las para formas seguras e aceitáveis pela própria pessoa e pelos outros. Sob o olhar de Campos (2012), é necessário fazer com que a inteligência se torne o poder que guia e controle as emoções individuais, com a finalidade de levar essas forças a operarem para o bem-estar do sujeito e da sociedade em que vive.

Casassus (2009) fala de uma educação ou amadurecimento emocional, isto é, um processo de limpeza das camadas e camadas cada vez mais profundas de imagens que ficaram gravadas em nossas mentes e corpos. Para fazer o enfrentamento das questões emocionais que impactam negativamente em nosso eu, precisamos identificar onde se originam as emoções, como alerta

Ou seja, a maneira de reagir das pessoas é influenciada não somente pelos aspectos psicológicos das emoções como também por aspectos culturais que são modelos de comportamentos apreendidos desde muito cedo nas famílias, nas escolas, nos grupos e nos lugares de trabalho. (CASASSUS, 2009, p. 126).

Sabemos da importância da informação para a sociedade em geral, e a escola contribui com esse acesso às informações, pois desempenha papel importante no processo de desenvolvimento humano. A informação é chave para os cuidados da

saúde mental, por isso reafirmamos a importância da reflexão sobre temas existenciais dentro do contexto escolar.

### **Considerações finais**

Os transtornos mentais em adolescentes não pode ser algo negligenciado. O reconhecimento das angústias existenciais pode auxiliar os profissionais da educação a detectar sinais dos alunos em sofrimento psíquico. Desta forma, consideramos que a investigação realizada na modalidade de grupo focal foi relevante para a escuta das professoras, para o contexto escolar, e poderá contribuir com as escolas e os educadores na identificação e compreensão de angústias existenciais nos adolescentes e, quem sabe, auxiliá-los a desenvolver uma relação positiva e saudável diante da vida.

A escola foi criada com determinados fins e a cada tempo procurou atender aos desafios vividos na sociedade em que estava inserida. Hoje falou-se do sofrimento psíquico de estudantes do ensino médio e de como se pode ser um canal para suas demandas no sentido de auxiliá-los na travessia do período turbulento denominado de adolescência. A prática pedagógica pode ser pensada como um espaço onde os afetos e os dilemas humanos possuam lugar. Para isso, é necessário alargar os horizontes e superar a racionalidade instrumental na qual as pessoas foram formadas, acreditando que, ao dar conta do conhecimento a tarefa como educador está cumprida. É perceptível que a escola não pode tudo, nem é espaço de terapia, mas pode dispor-se ao diálogo, criar espaços de escuta e auxiliar os estudantes a superar suas angústias e bloqueios afetivos.

Os problemas emocionais dos adolescentes podem ser difíceis de identificar. Às vezes, eles não são claros, pois os transtornos de humor são alterações comportamentais que fazem parte da vida das pessoas e são comuns em todos os seres humanos, pois há episódios de tristezas que são momentâneos gerando dificuldade para discerni-los de sintomas doentios. Mas há alguns fatores para os quais torna-se necessário ficar atento. Quando o humor do adolescente se torna persistentemente negativo, passando a causar prejuízos, ele pode estar atravessando um episódio de angústia muito intensa, podendo causar alguma doença psíquica.

Os professores, por estarem próximos aos alunos, podem identificar aqueles adolescentes em sofrimento. Uma conversa empática com o aluno é importante para

identificação das angústias. Quando os adultos compreendem o sofrimento dos jovens e oferecem ajuda, possibilitam com que eles se sintam mais seguros para superar suas angústias. A escola pode fornecer informações que os auxiliem a lidar com o problema.

Também é importante os educadores saberem diferenciar um episódio de tristeza momentânea, das angústias mais intensas. No caso de sofrimento emocional prolongado, o mal-estar permanece e as alterações significativas no comportamento persistem. Os adultos que convivem com os adolescentes precisam estar vigilantes para identificar se os acessos de tristeza, irritação e raiva, isolamento, queda no rendimento escolar, comentários autodepreciativos ou desesperançosos em relação ao futuro, desejo de pôr fim à vida, desinteresse em realizar atividades que demonstrava prazer anteriormente, são episódios momentâneos, isolados ou comportamentos de rotina. Para isso, os educadores necessitam de orientação e formação para identificar estes sinais, o que reforça a importância de estudos que tragam sistematizações e contribuições acessíveis a eles. A posse destes conhecimentos possibilita que estejam embasados em dados oriundos da realidade, refletidos para que sirvam de bagagem que os auxiliem a monitorar e intervir quando necessário, daí a relevância de pesquisar, sistematizar e disseminar conhecimentos como este artigo se propôs.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Organização Mundial da Saúde**. Disponível em:

<<http://www.adolescencia.org.br/site-pt-br/adolescencia>> Acesso em: 10 ago. 2020.

BRASIL. **Folha informativa - Saúde mental dos adolescentes**. Disponível em:

<[https://www.paho.org/bra/index.php?option=com\\_content&view=article&id=5779:folha-informativa-saude-mental-dos-adolescentes&Itemid=839](https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5779:folha-informativa-saude-mental-dos-adolescentes&Itemid=839)> Acesso em: 24 ago. 2020.

BRASIL. OPAS. **Saúde mental dos adolescentes**. Disponível em:

<<https://www.paho.org/pt/topicos/saude-mental-dos-adolescentes.>> Acesso em: 15 mar. 2021.

CAMPOS, Dinah Martins de Souza. **Psicologia da adolescência**. 24 ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2012.

CAMARGO, José Alberto de; MAGALHÃES, Naiara. **Do que estamos falando quando falamos de ansiedade, depressão** 3 ed. rev. amp. São Paulo: Vestígio, 2020.

CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo**. Lisboa: Edição Livros do Brasil, 1941.

CASASSUS, Juan. **Fundamentos da educação emocional**. Brasília: UNESCO, Liber Libro Editora. 2009.

DAMÁSIO, António. **E o cérebro criou o homem**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

D'AMBROSIO, Ubiratan. **Educação matemática: da teoria à prática**. 23. ed. 2. reimp. Campinas, SP: Papirus, 2014.

D'ASSUMPÇÃO, Evaldo Alves. **Sobre o Viver e o Morrer - Manual de Tanatologia e Biotanatologia para os que partem e os que ficam**. 2. ed. ampl. Petrópolis/RJ: Vozes, 2011

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2017.

HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica – o neoliberalismo e as novas técnicas de poder**. Belo Horizonte: Âyiné, 2020.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise textual discursiva**. Ijuí: Unijuí, 2016.

MORIN, Edgar. **É hora de mudarmos de via: as lições do coronavírus**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.

PAIVA, Lucélia Elisabeth. **A arte de falar da morte com crianças**. 3. ed. Aparecida/SP: Ideias & Letras, 2008.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: USP, 2006

SANTOS, Franklin Santana; INCONTRI, Dora. Educação para a Vida e para a Morte: do Ensino Fundamental à Universidade. In: SANTOS, Franklin Santana (Orgs.). **A arte de morrer: visões plurais: volume 3**. Bragança Paulista/SP: Comenius, 2010, p. 15-29.

SCHVINGEL, C.; GIONGO, I. M.; MUNHOZ, A. V. grupo focal: uma técnica de investigação qualitativa. **Debates em educação**, v. 9, nº. 19, p. 91-106, Set./Dez./ 2017.

VIEIRA, Karina Augusta Limonta. Hermenêutica na educação: um método para a compreensão humana das realidades educacionais. **Educação em Foco**, n.37- p. 8-26 mai./ago. 2019. Disponível em: <<https://revista.uemg.br/index.php/educacaoemfoco/article/view/2734>> Acesso em: 24 maio 2021.